

PRODUTOR: Emissora Nacional ☒

RDP ☐

Nº. de referência: 1

Título: "AQUELA NOITE"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): NEGREIROS, ALMADA

Adaptador: ?

Realizador: GUSMÃO, FERNANDO

Locutor: ?

Data de produção: 18/9/1974

Data de Emissão: 20/9/1974

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
PAULO RENATO	ELÉ
GLICÍNIA QUARTIN	ELA
CARMEN SANTOS	A FILHA DE AMBOS

Estado de conservação: Bom ☐ Razoável ☒ Mau ☐

Tipo de Suporte:

Original ☐ Cópia ☒

Registo Sonoro: Sim ☐ Não ☒

Nº do Registo Sonoro:

Cópis

(V.S.F.F.)



Notas:

- DIR. ARTÍSTICA - FERNÃO GUSMÃO

Indexação: - TEATRO RADIOFÓNICO

SERVIÇOS CRIATIVOS	
PROGRAMA N.º <u>1289</u>	PROGRAMA <u>1.º</u>
DATA DE ENTRADA <u>3 SET. 1974</u>	EMIÇÃO DE <u>1/1</u>
PEDIDO DE GRAVAÇÃO	<u>1</u> - <u>1</u> HORAS
A GRAVAR EM <u>18/9/74</u>	VISTO
HORA <u>10.00</u>	
NÚMERO DO PEDIDO DE GRAVAÇÃO	

MINI-TEATRO

" AQUELA NOITE "

de Almada Negreiros

INTERPRETES

Ele - Paulo Renato
 Ela - Glicínia Quartim
 e
 A Filha de Ambos Lucrécia Santos

*Gravação e ensaio no Estúdio 4-Quelhas
 no dia 18, às 10.00h.*

A MULHER - Acabaram-se-me as forças.

O HOMEM - Deixaste-as acabarem-se.

A MULHER - Deixámos que se acabassem.

O HOMEM - Acabaram-se antes do fim.

(OUVEM-SE TOSSIR NO QUARTO ILUMINADO)

(NOVO SILÊNCIO).

A MULHER - Nunca te vi como hoje.

O HOMEM - Hoje?

A MULHER - Antes que soubesses que eu estava aqui.

O HOMEM - A novidade desta noite para adormecê-la. A novidade de quem ficou só no combinado para sempre.

A MULHER - Há muito que ela tosse?

O HOMEM - Nunca. Foi só agora?

A MULHER - No bem combinado não podemos ser os julgadores um do outro.

O HOMEM - Nunca te julguei. Julguei o combinado.

A MULHER - Fizeste-me pesar o que era nosso sobre o que era só meu.

O HOMEM - Estás a julgar-me.

A MULHER - Não. Contigo senti perder a minha liberdade, quanto mais a minha satisfação.

O HOMEM - Não há liberdade senão a da companhia

A MULHER - Odeio-te.

- O HOMEM - Odeias-me depois de perderes a crença do dia-a-dia. Depois que imaginaste satisfação numa liberdade fora de nós três, única luz nossa. Depois que imaginaste excluindo-me da tua vida seres mulher lais livre e mãe mais satisfeita. E pudeste tudo menos imaginar outro pai para a nossa filha. Eu não te odeio; mataste em mim todos os sentimentos para contigo.
- A MULHER - Sei tanto como tu que é irremediável.
- O HOMEM - Porque vieste?
- A MULHER - Não foi por ti.
- O HOMEM - Nem por nós. Foi por ti, só por ti, mãe fêmea que pariu. Posso dizer-te que nem foi sequer pela tua filha também, por nossa filha.
- A MULHER - Tu, homem, ganhas sempre com o teu pensamento. Tens a liberdade da tua imaginação, a satisfação da tua obra, a glória do teu renome.
- O HOMEM - A glória do meu renome, a satisfação da minha obra, a liberdade da minha imaginação, tiveram uma única inspiração, foste tu, mulher, a minha mulher. Há-de servir de muito a um homem o seu pensamento se a inspiração não lhe vier de fora, do que lhe seja mais próximo.
- A MULHER - Sina de mulher: inspirar outro e ser dele o lucro.
- O HOMEM - Nosso o lucro. Julguei que me seguias.
- A MULHER - Vê bem, disseste: seguir-te.
- O HOMEM - Seguires-me no nosso.
- A MULHER - E eu?

- O HOMEM - Seguia-te no nosso, juro-te. Mas, confesso, ceguei-me. Ceguei-me porque afinal não me seguias nem eu a ti. E isto faz-me desprezar a mim mesmo que nunca vive senão o nosso.
- A MULHER - Confessas que cegaste.
- O HOMEM - E também confesso que não teria remorsos se não tivesse sido eu só a cegar-me com o nosso.
- A MULHER - Não te pôs o destino nas ancas entranhas de mulher para teres remorsos do que dizes agora.
- O HOMEM - Mulher! quando nos conhecemos, ambos fizemos o mesmo: demo-nos Demo-nos um ao outro. Talvez não soubéssemos ainda que ~~aceit~~^e aceitávamos o destino que escolhíamos para sempre na vida. Mas demo-nos completamente um ao outro. Lembro-me que pensei ter eu nascido verdadeiramente de ti, depois de haver nascido de meus pais. Exactamente como nasci depois pela terceira vez, da nossa filha. E ao ~~despertar~~ despertar finalmente destas três minhas vidas só não sei onde a nossa liberdade, a nossa satisfação, o nosso renome, a minha liberdade, a minha satisfação, o meu renome, a liberdade de minha mulher, a sua satisfação, o seu renome, a liberdade da minha filha, a satisfação da minha filha, o renome da minha filha, possam caber fora do que é nosso, fora das telhas de cobrir o espaço de três pessoas. Não é acaso este o único espaço do mundo donde poderemos partir para toda a parte nós três e cada um dos três?
- A MULHER - Falas sem perdão.

O HOMEM - Perdão só vale nas contas pequenas, de pessoa a pessoa. Na grande conta, além das pessoas há também o destino, e o destino tem prazos improrrogáveis, irrecomeçáveis, onde os sentimentos não se gastam mas podem morrer em vida das pessoas. Perdão é um sentimento. E tu mataste em mim todos os sentimentos para contigo, os bons e os maus.

(Ouve-se um tiro. Sem uma palavra nem gemido, o homem cai de joelhos diante da mulher e, depois, por terra. A mulher está na mesma posição com a mão no fecho da porta. Depois do tiro e da queda do corpo morto ouve-se a meio do silêncio a voz que sai do quarto:)

A VOZ - Pai.

(A mulher entra em cena e fecha a porta. Passa por cima do cadáver e fica voltada para trás a porta donde vem a luz, abrindo os braços com o xaile em biombo.)

A VOZ - Pai.

(Pouco depois, entra em cena uma petisa em camisa de dormir cor-de-rosa.

A mulher deixa cair para trás o xaile que fica a cobrir o corpo do homem. Como a petisa, estremunhada, está com medo de se aventurar pelo escuro da sombra e torna a chamar,..)

A PETISA - Pai.

(A mulher vai ter com ela, ajoelha-se a seu lado, e abraça-a contra si.

- A PETISA - Então o pai não mentiu. Disse que a mãe vinha hoje.
- A MULHER - Ele disse-te que eu vinha hoje?
- A PETISA - Disse e eu não acreditei e deixei-me dormir.
- A MULHER - Isso não se faz; não acreditar no que o pai diz.
- A PETISA - Agora nunca mais deixo de acreditar. Mas eu julguei que ele me dizia só para que eu ficasse contente.
- A MULHER - Foi para que tu ficasses contente que teu pai te disse que eu vinha hoje.
- A PETISA - Tenho pena de não teres vindo mais cedo, mãe. O pai hoje estava tão engraçado. Pôs-se a dançar, a dançar, e olha que às vezes até dançava mais bem do que ele. Depois vieste tu, mãe. Vinhas a voar, a voar, ao principio lá muito alto e depois cá muito em baixo. Vinhas assim aos ziguezagues, com umas grandes asas pretas, parecia mesmo que ias assim às cegas contra as paredes, mas não havia paredes, e tu voltavas logo para outro lado.
- Olho que eu bem vi logo que eras tu, mas fizeste-me medo., mãe. E vai ao depois deram um tiro. Um tiro muito grande. E depois as tuas asas pretas ficaram ~~no chão~~ no chão em cima do pai. E tu ficaste com asas brancas. E depois foste levar as asas brancas. E o pai disse: as asas brancas são nossas, foste tu que mas deste. E depois ...ao depois... Como era logo a seguir? Acaba agora tu de contar, mãe.
- A MULHER - Como queres que eu acabe de contar, filha, se foste tu que sonhaste.
- A PETISA - Sabes, sim, mãe, tu também lá estavas no sonho .

MUSICA E FECHO.

2 Paula meito >
transmitida em 30/9/74
refeite hoje - 2/XII/74.

Pedido 7271/bol. 10555

Ly



Título do programa MINI-TEATRO - "Aquela Noite"

Referência { N.º/R.P.L. 1289
N.º S.P.P.

Episódio N.º Datas { da gravação 18 de Setembro de 1974 às 10.00 horas.
da 1.ª emissão de de 19 Programa

Director artístico

Fernando Gusmão

Nome dos artistas ou vozes	Figuras	Rubrica dos intérpretes
Glicínia Quartin Carmen Santos Paulo Renato		Glicínia Quartin Carmen Santos Paulo Renato

Pessoal da Emissora Nacional

Produtor

Locutor

Captação

Gravação

Lisboa, 10 de

de 196

Visto do Chefe da S.P.P.